



No Rio Selho — Lavando

Cliché de Eduardo Teixeira Mendes

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o impor.e das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs-



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Perreira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto

Braga, 8 de Março de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 292—Anno VI



A Virgem da Soledade



Endireitar-se-ha o mundo?



DEVIDO a estarem suspensas as garantias, — perderam se no caminho duas *Chronicas*, pelo menos. Ficam pois os leitores avisados da desconfinidade des notas que iam tomando á margem dos acontecimentos revolventes dos dois ultimos mezes, e eu safo, como a redacção d'esta revista, a todas as responsabilidades e culpas por tal facto.

Temos todos de nos sujeitarmos ao furor dos ventos... que tambem não são responsaveis, valha a verdade! Desde que a psychologia collectiva assentou arraias de grande doutrina, não ha plúmifivo que não cite o Le Bon nem amigo revolucionario de qualquer côr que não apresente a formula da sobredicta psychologia como explicação geral de quantas tropelias se commettem.

Está uma pessoa em sua casa, mais a mulher e os filhos. Rebenta a bexiga, quero dizer a revolução, uma d'estas revoluções a trez mezes de prazo de vencimento, que já fazem parte dos *costumes e habitat* de nós todos. O cidadão ouve zunir balas perto do ouvido, vê a sua casa despida de haveres, constata que é roubado, que é injuriado, que por um friz não partiu para a viagem d'onde não se regressa. Passa o fufão, encontra um amigo que por acaso é tambem um dos vencedores. Refere-lhe os tranfes que atravessou, narrando os singelemente, pinturejando o quadro com um leve e acre colorido de amargura e de queixa, e ouve logo isto:

— Meu caro... V. bem sabe: as auctoridades não tem culpa, nós não temos culpa... São coisas inevitaveis: tenha paciencia...

— Mas o meu dinheiro! a minha mobilia! os meus preziosos! volta o indiloso.

— O' filho, pois v. não vê que tudo isto é o resultado fatal da psychologia?

Da psychologia das revoluções? Da psychologia collectiva?!

Se o cidadão se lastima mais insistentemente, arriscae a ser mandado... lêr o Gustavo Le Bon, ou, coisa muito mais dura, a ir aprenhel o experimentalmente no Aljube. E' preferivel pois, encoller hombros, concordar com as desculpas, e não tentar sequer ir pedir mais explicações sobre o paradeiro do que é seu, á D. Psychologia, porque perde o pouco tempo que lhe resta para o trabalho que lhe dá o pão...

... Perdão! que lhe dava o pão, — é assim que queremos e devemos dizer. O trabalho hoje não dá que chegue para uma borða, e ei de quem tem oito filhos insustentaveis, senão a quatro borðas! ☹

Vamo-nos contentando por ora, com os abaixamentos de preço do arroz e do assucar, provenientes da concessão da liberdade de commercio pelo governo. Parece, porém, que, como tudo quanto se revela sensato no paiz, será tambem um sol de pouca dura. Já as gazêtas annunciam que um novo decreto sobre subsistencias restringindo aquella liberdade, vaé surgir dos bolsos dos syndicateiros-gafunos para as mãos do ministro respectivo; e a esta noticia, logo sorridente o mercieiro avisa a freguezia de que dentro em poucos dias subirão os preços actuaes, outra vez, aquella escada progressiva cujos primeiros graus são de tostão e cujo patamar mais alto vale pelo menos uma libra.

E' tambem máu fado d'esta terra!

Toda a gente que ainda gosá a dita de poder comer,

comprehende que a primeira condição para uma segura prosperidade economica durante a crise, é a decretação da liberdade de commerciar. Isto anda ao alcance dos menos bôtos de raciocinio. Infelizmente não paira ao alcance das intelligencias chamadas superiores que no geral só vêem aquillo que o vulgo sensato chama *asneiras*.

Das alturas do poder vê-se tudo deformado, invertido, de cabeça para baixo e pernas para o ar! Não ha ahi homem, d'estes denominados *grandes vultos*, que transformado em ministro demonstre possuir um misero meio cenavo de bom senso...

— Sahem burros chapados! Como dizia Homem Christo que agora deu em chamar burros aos ministros, e com razão de sobejo, não ha duvida!

Mas o mundo não se endireita, dirás tu, leitor, philosophando um scepticismo barato e, vá que não vá, tu tens razão. O mundo não se endireita. Concluirão porém, alguns que não se endireitando, o melhor que temos a fazer é viver com elle, tal como é, até que Deus nos chame a contos. N'isto estamos eu e tu, leitor, em desacordo. Eu — bem o sei — não endireito o mundo. Tive até a prova, mais uma amargurada prova d'isto mesmo, no mez passado... e até devo confessar que a partir de 13 de fevereiro, ha quasi mez e meio, seêrto d'um modo surprehendente nas minhas previsões politicas rigorosamente enunciadas dentro do *abyssus, abyssum invocat* portuguezissimamente traduzido por Camillo. Não sei que claridade subita se rasgou no meu olhar, desde que elle observa tudo pela janella d'uma expiação inevitavel que apressa de nós, de dia para dia, com incrível rapidez, a méta ignorada das nossas tribulações enormes e avassaladoras... Vamos a rolar, a rolar, a rolar por um pendor, como um grande blóco que em dado momento, depois d'uma permanencia instavel a meio declive, mysteriosa mão — a mão da Providencia, ó cegos que não quereis vêr, á luz da minha fé religiosa! — imprimiu repentino impulso.

O mundo não se endireita, é certo. Mas eu digo como o outro:

— O mundo não se endireita... mas o mundo ha-de ouvir-me porque eu não me callarei!

E é por isso mesmo, leitor amigo, que já abraçado unicamente aos *afazeres* da minha vida, já desviado das carreiras publicas onde a alma se alenceia e o espirito se desgasta e cansa, eu não te furtarei aos meus commentarios de chronista, sereno, ponderado, medindo a gravidade do momento, pela crise em que recrudescer a lucta partidarista, — democraticos, unionistas, evolucionistas, centristas, socialistas, machadistas e quejandos *istas*, como estes — pela nomeação de Campos Lima, o acrata, para lente de Coimbra, pela *caça do logar* desenfreado, e sobretudo por este facto revelado ha dias pelo *Século*:

Seiscentos mil contos, calculados por baixo das despesas da guerra; um milhão cento e quatorze mil contos, valor nominal, de divida externa e interna, com um encargo de juros no valor real de trinta mil contos, accrescidos oito mil e quatrocentos contos de juros da divida fluctuante, afora os duzentos e vinte mil contos da circulação fiduciaria, correspondentes aos emprestimos do Banco de Portugal ao Thesouro.

E... o mundo não se endireita!

F. V.



A FORMAÇÃO DO ORVALHO



QUEM não conhece a classica explicação da formação do orvalho?

O ar arrefece — diz-se — e deposita sob o estado liquido o vapor d'agua que encerra.

Contra estas ideias protesta Gabriel Guilbert, illustre meteorologista francez, que apresentou no congresso scientifico d'Angers uma nova e fascinadora explicação d'este phenomeno.

A explicação de Guilbert tem uma grande vantagem — reduzir á unidade, por meio d'uma singular lei denominada *evaporação pelo frio*, os variados phenomenos do vapor d'agua da atmosphaera.

Explicuem-nos, começando pelo mais simples d'este phenomenos.

Todos tem visto, em occasiões de frio, os vidros das vidraças interiormente embaciados pela humidade que n'elles se depositou. E' o frio que os transforma em aparelhos condensadores. Ora, se o frio é intenso esta humidade augmenta extraordinariamente.

Como é que o ar inferior pode abandonar tanto vapor d'agua? Como explicar esta precipitação d'este vapor para o aparelho condensador?

E' uma verdade que o vapor d'agua é um dos elementos constituintes da atmosphaera; existe em todos os climas e a todas as altitudes, embora em quantidade mais ou menos consideravel.

Que succede então nos vidros das nossas janellas?

A' medida que as moleculas do vapor d'agua em contacto com a superficie fria do vidro se condensam, a camada d'ar assim privada do seu vapor rouba á camada immediatamente contigua uma parte do seu vapor d'agua: é um corpo dessecado que aspira a humidade de que carece, mas bem depressa se encontra novamente dessecado porque, persistindo o arrefecimento exterior, continua a condensação.

O vidro transforma-se, pois, n'um condensador verdadeiramente attractivo. Dois phenomenos se seguem como effeitos immediatos e concomitantes — o dessecamento continuo effectuado progressivamente, *camada por camada e d'uma para outra*, do ar confido no aposento fechado e a formação d'uma camada cada vez mais espessa de humidade sobre o condensador.

E qual a causa inicial d'este duplo phenomeno?

O frio actuando d'um modo complexo. Vae elle operando a distancia e quasi indefinidamente.

E', pois, uma verdadeira *evaporação pelo frio*.

Tal é a fascinadora lei de Guilbert, que reduz á unidade as varias precipitações atmosphaericas.

O orvalho será assim devido a uma outra causa que não a que até hoje lhe era assignalada.

A terra arrefece; o seu calor superficial irradia para o espaço e logo a sua temperatura se torna mais baixa que a do ar proximo. Torna-se logo o solo condensador e a primeira camada d'ar em contacto com elle, fica sem a sua humidade, transformada em pequenissimas particulas d'orvalho.

Esta primeira camada d'ar dessecada rouba á proxima uma parte do seu vapor d'agua que, por sua vez, se condensa e assim successivamente.

A lei da *evaporação pelo frio* vae-se cumprindo, enquanto persiste a irradiação nocturna. O orvalho será, pois, não o effeito do arrefecimento do ar, como ainda se ensina, mas o effeito do arrefecimento do sólo. Não é um excesso de humidade que se precipita sobre o sólo sob a forma de gottasinhas já formadas por condensação, mas é o vapor d'agua que se condensa directamente sobre o solo arrefecido. Não é a saturação do ar que é a causa determinante do orvalho, mas antes um dessecamento, uma momentanea diminuição do estado hygrometrico.

Tal é a nova explicação que Guilbert pretende assignalar ao orvalho.

O auctor fundamenta ainda mais a sua explicação, removendo as difficuldades que se lhe possam apresentar. E assim diz: «Sem duvida, responder se-ha que o frio torna logo as camadas d'ar sobresaturadas, que a condensação se torna então necessaria e que uma precipitação humida se impõe sob a forma de gottasinhas.

Esta objecção não pode resistir á observação directa. Se o orvalho só podesse produzir-se com a saturação do ar, seria elle excessivamente raro, como a propria saturação. Examinae as nossas observações hygrometricas: quando é atingido o maximo da humidade? E'

em todos os dias d'orvalho ou geada? Mas apenas se encontrará, mesmo n'estes dias, uma vez em cada dez o grau hygrométrico característico da saturação. E então, como se produziria o orvalho?

O orvalho? Apenas o Sol desapareceu no horisonte, logo, em tempo calmo, elle se deposita emquanto que a humidade relativa está muitas vezes a 80 ou mesmo abaixo, e n'uma temperatura muito frequentemente acima de zero, mesmo no *thermometro sobre a relva*. Como attribuir, n'este caso, o orvalho ao deposito de gottasinhas d'agua devidas ao arrefecimento do ar saturado?

Vejamos como Guilbert applica a sua lei ás precipitações atmosphéricas.

Vêde estes cirros, diz elle, que a 10 ou 12:000 metros d'altitude, apresentam formas tão delicadas, e boreboscencias em tudo semelhantes aos multiplos desenhos que admiramos nas crystallisações das nossas vidraças geladas. Vêde estas nuvens brancas tornarem-se na sua carreira descendente atravez do espaço cada vez menos diaphanas, cada vez mais espessas e por conseguinte cada vez mais sombrias e pardacentas. Segui-as com perseverança e considere principalmente as nuvens inferiores — os cumulos — que fluctuam por baixo dos cirros. Logo vereis estas nuvens equosas diminuirem d'extensão, dissolverem-se, depois desaparecerem em pedaços espalhados sob a camada superior cada vez mais uniforme e indistincta. Esperae e logo vereis cairera gottas de chuva ou floccos de neve.

E' a *evaporação pelo frio* que acaba d'actuar sobre uma immensa extensão. Os cirros foram para as altas regiões o que foram no inverno as vidraças dos nossos quartos; é o corpo gelado e portanto condensador que chama a si todo o vapor d'agua suspenso nas camadas vizinhas. Do mesmo modo que a terra fria actua sobre o orvalho, os cirros absorvem a humidade aeria e, *camada por camada*, dessecam successivamente as camadas inferiores. As nuvens aquosas que fluctuam muitos milhares de metros abaixo do cirro encontram-se na base d'uma camada d'ar cada vez mais secca, começando, para ellas, a evaporação. Dissolvem-se as suas particulas componentes e

estas nuvens liquidas desaparecem exactamente como o vapor das nossas locomotivas. Esta evaporação dá ás camadas elevadas uma humidade apenas fugitiva, porque os cirros novamente a absorvem, como as vidraças se apoderam do vapor humido das nossas habitações. Mas, faltando o ponto d'apoio aos cirros e não sendo o seu crescimento indefinido, apenas é attingido o peso limite, os seus crystaes espessos separam-se da massa principal, produzindo-se uma inevitavel queda sob a forma de neve nas regiões elevadas, e sob a forma de chuva, nas camadas superficiaes, se a temperatura permite a fusão.

Tal é a nova explicação das varias precipitações atmosphéricas. Explicando tudo por uma simples lei — *evaporação pelo frio* — é mais uma affirmação de que tudo na natureza se reduz á unidade.

E já que fallamos no distincto meteorologista Gabriel Guilbert, notaremos um seu novo methodo para a previsão do tempo, methodo que tem causado sensação pelos verdadeiros e immediatos progressos que vem trazer a este difficil ramo da meteorologia.

Gabriel Guilbert, observando attentamente as cartas isobaras, reconheceu que a velocidade do vento estava em desaccordo com a velha lei, por todos admittida, de que o vento era tanto mais forte quanto mais proximas eram as linhas isobaras. D'este desaccordo deduziu elle novas leis occultas sob a apparente desordem.

As suas previsões de março a maio de 1903, feitas em harmonia com os novos principios por elle postos, e algumas vezes em opposições com as previsões d'outros meteorologistas, segundo as ideias antigas, provaram que o novo methodo vem realmente trazer reaes progresso á previsão do tempo. Pode elle, durante esse espaço de tempo, prever as altas e baixas do barometro em quasi toda a Europa, a trajectoria das borrascas, o desaparecimento dos centros de tempestade, a chegada de borrascas oceanicas ainda invisiveis mesmo da Irlanda, a approximação dos anticyclones etc.

O novo methodo está, pois, destinado ao maior successo.

Mariotte.





DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORESSO DA FALPERRA.

LXIX

Selecta internacional do nariz.

(Conclusão)

ENTROU o cavallo n'uma grande planicie, na qual andou todo o dia sem achar uma casa, até que enfim, já sobre a noite o Principe, morto de fome, viu uma caverna onde havia luz. Entrando na caverna achou uma pobre velha, que parecia ter mais de cem annos. Poz esta os seus olhos, para o vêr, gastando nisto muito tempo, sem os poder segurar, por ter o nariz muito pequeno. O Principe e a velha (que era uma feiticeira) deram ambos uma grande risada quando se viram, gritando ambos ao mesmo tempo:

— Ah! que ridiculo nariz

— Ridiculo é o seu — disse *Desejo* á feiticeira. Mas deixemos, senhora, os nossos narizes como elles são, e tenha a bondade de me dar alguma cousa que coma, porque trago muita fome, e o meu pobre cavallo tambem.

— De boa vontade — respondeu a bruxa — pois com ser tão ridiculo o teu nariz, não deixas de ser filho do melhor dos meus amigos. Eu queria ao rei teu pae como a um irmão; mas não saes a elle, que tinha o nariz muito bem feito.

— E que falta ao meu?

— Oh, faltar, não lhe falta nada! Ao contrario: está muito bem fornecido de panno; mas isso não tem nada, qualquer pode ser homem de bem e ter o nariz comprido: Como te ia dizendo: eu era amiga de teu pae, que n'aquelle tempo me visitava amido. E ao tempo que isso foi, bem podes entender que eu era bem bonita, o que elle proprio confessava. Quero contar-te uma conversa que tivemos a ultima vez que nos vimos.

— Pois bem, senhora, ouvi-la hei com gosto, mas depois de cear. Repare que ainda hoje não comi.

— Pobre moço! — exclamou a feiticeira. — Tens razão, eu é que não sabia isso. Vou já dar-te de cear, e, enquanto comes, contar-te-hei a minha historia em duas palavras, porque não gosto de longos discursos. Olha que uma lingua muito comprida é ainda mais insupportavel do que um grande nariz, e lembra-me bem que sendo eu moça me admiravam por não ser grande falladora, e assim o diziam á Rainha minha mãe. Porque embora me vejas n'este estado, sou filha de um grande rei.

— Meu pae... seu pae comia quando tinha fome? — interrompeu o principe.

— Comia, comia... e tu vaes tambem cear já. Eu só queria dizer-te que meu pae...

— E eu, por mim, não quero ouvir nada sem comer — atalhou o principe, que já começava a encolerizar-se. Moderou-se, porém, por precisar da bruxa, e disse-lhe:

— Bem sei que o gosto que me daria ouvir-vos me havia de tirar a fome; mas o meu cavallo, que vos não entende, necessita tomar algum alimento.

Desvanecida a bruxa com a cortezia, chamou as criadas, e disse ao principe:

— Já não esperarás muito. E's muito cortez e apesar da enormidade do teu nariz mereces que te amem.

— Excommungada velha! Que tem ella com o meu nariz? — disse consigo o principe. — Tambem eu posso dizer que minha mãe lhe tirou para me dar, o que falta a d'elle! Se não tivesse tanta fome deixava já esta saladora, que ainda cuida que falla pouco. Bem tolo seria eu se não conhecesse os seus defeitos. Ora ahi está o que fez ter ella nascido princeza. Os lisonjeiros estragaram-na, capacitando-a de que fallava pouco.

Enquanto assim discorria o Principe, punham as criadas a meza e elle observava a feiticeira, que lhe fazia mil perguntas, só pelo gosto de fallar. Admirava-se o principe sobretudo de certa aia, que a cada palavra da feiticeira louvava a descripção de sua ama. «Certamente — pensava o Principe, ceando — folgo de ter vindo aqui: este exemplo

me faz ver quão bem avisado tenho procedido não dando ouvidos aos lisonjeiros. Estes louvam-nos descaradamente, encobrem-nos nossos defeitos quando no los não apontam como perfeições. Prometto nunca me deixar ludibriar por elles. Graças a Deus, conheço os meus defeitos!

O pobre *Desejo* estava bem convencido d'isso e não percebia que aquelles que louvavam o seu nariz zombavam d'elle como aquella aia se ria da feiticeira — pois vira que ella de vez em quando encobria o rosto para se rir. Sem dizer palavra ia o Principe comendo com avidez, até que a bruxa lhe disse, ao vê-lo já satisfeito.

— Por agora, meu Principe, peço-te que te vires algum tanto, porque o teu nariz me não deixa ver o que tenho no prato. Mes não... Fallemos antes de teu pae. Eu ia á Corte d'elle quando elle era ainda muito novinho. Já lá vão uns quarenta annos, que tantos ha que vivo n'esta solidão. Ora dize-me: como se vive agora lá pela Corte? As senhoras ainda gostam de andar sempre por fora? No meu tempo viam-se no mesmo dia na assembleia, no theatro, nos passeios, nos bailes... Que comprido nariz o teu! Ainda que queira não posso deixar de me admirar.

— Oh, senhora — rogou o Principe — peço-lhe que deixe de fallar no meu nariz. Elle é tal como se vê. Que lhe importa que seja grande? Vivo satisfeito com elle e não gostaria que fosse mais pequeno. Cada qual o tem como pode.

— Bem vejo que isto te offende, meu pobre *Desejo* — voltou-lhe a bruxa — mas não é minha intenção offender-te. Sou tua amiga e quero servir-te. Mas, não obstante isso, faz-me arrelia esse teu nariz. Reprimir me-hei, contudo, de sorte que nunca mais te toque n'elle, e imaginarei que o tens rombo; posto que, a fallar a verdade, tens panno n'esse nariz que dava para tres de bom tamanho.

Desejo como já tinha ceado, impacientou-se tanto com os interminaveis discursos da bruxa acerca do seu nariz, que sellou o cavallo e partiu. Confinuando seu caminho cuidava que toda a gente das povoações por onde passava era doida, porque todos fallavam do seu nariz. Contudo, como estava muito acostumado a ouvir dizer que o seu nariz era bem feito, nunca se poudo convencer de que era, na verdade, comprido demais.

A feiticeira, que desejava servi-lo, lembrou-se de metter a Princeza *Mignonne* n'um palacio de crystal, e poz este no caminho por onde o Principe havia de passar.

Desejo, arrebadado de alegria, resolveu despedaçal-o; mas não o podendo conseguir, já desesperado, quiz ao menos chegar-se para fallar á Princeza, que por seu lado baf-tia tambem com a mão na vidraça. Ia *Desejo* beijar-lhe a mão, mas por mais voltas que desse não o conseguia, porque o nariz lh'o estorvava. Então conheceu pela primeira vez de que extraordinaria grandeza elle era. E pegando n'elle, para o desviar, disse: — Ah que comprido nariz é o meu

E no mesmo instante cahiu o palacio de crystal, e appareceu a velha, com *Mignone* pela mão, disse ao Principe:

— Confessa agora quanto me deves! Por mais que zombasse do teu nariz, nunca quizeste crer na sua enormidade. E ainda agora a não reconhecieras, se ella não fosse obstaculo ao que desejavas. E' assim como o amor proprio nos encobre as deformidades da nossa alma e do nosso corpo: por mais que a razão lide em as pôr a nú, jamais damos com ellas enquanto esse mesmo amor proprio as não achar oppostas aos seus interesses!

E então *Desejo*, ficando com um nariz de tamanho regular, tomou estes conselhos e, desposando *Mignonne* viu feliz com ella muitos annos.

O segredo das ruínas

Conto por Cézembre.

DEPOIS de haver contemplado as pedras enegrecidas sob a vegetação invasora, — tudo o que restava da sua casa natal — Bertrand de Donaren desviou para o mar os olhos cheios de lagrimas.

E perante o oceano azul, a cidade de S. Pedro renascia ao pé do vulcão acalmado. A pérola das Antilhas, pulverisada muitos annos antes por uma tromba de fogo acordava hoje

Um rumor de vozes fez com que o moço se voltasse. Viu operarios que trabalhavam em varrer as ruínas d'uma casa visinha.

Um mulato membrudo e alto informou-o. Uma menina que estava em Forte-de-França, no momento em que a familia perea inteira na catastrophe, mandara pôr tudo no seu antigo estado.

E era ella quem chegava precisamente n'aquelle momento. O mulato apontou-a ao *bêké*



No Porto — Officiaes da Guarda que foram cumprimentar o coronel Paiva Couceiro.

das proprias cínzas, na verdura que, antes do homem, retomara n'aquellas regiões devastadas o seu direito á vida. E elle, Bertrand de Donaren, d'oravante unico herdeiro d'um velho nome creoulo, voltava, apoz longa permanencia em Paris, a procurar as lajes do seu lar!

Reconhecia tudo, o porto incendiado n'uma extensão de cinco kilometros, a praça Bertrin que agora era atravessada pelo ribeiro Goyave, desviado do seu curso. Bengalis, Colibris semelhando flôres, cantavam sem preocupação de quaesquer lembranças do passado e passavam perfumes dulcissimos na aragem.

(branco) lá em baixo, sob as tamareiras.

Bertrand ficára muito pallido. Depois de tantos annos de ausencia a recordação da pequenina mestiça que fôra sua noiva, permanecêra pura em seu coração.

Aquella rapariga de lucto, era então Suzanna Pacifica, a pequena *tifana* que dançava com elle a *binguina* aos domingos?!

Fôra um curto e rapido romance, o seu. Fallando em casar com Suzanna, Bertrand desencadeára logo toda uma tempestade na sua familia que immediatamente o mandava proseguir nos estudos em Paris. Só as cartas de

Suzanna o consolavam de longe em longe. Depois, um dia, chegára-lhe a noticia estupefaciente: — Seu paeapparecêra bruscamente. Exquisitos boatos tinham corrido. Accusava-se quasi abertamente o mulato Jasmim Pacifico de ter attraído o plantador a uma cilada.

Porém, alguns dias mais tarde, o Monte Pelé apagava todos os odios de raças sob um diluvio de fogo, e a cidade destruida guardava ciosa sob as ruinas o segredo do desaparecimento do creoulo. Pouco tempo depois, Bertrand vinha a saber que a *filana*, afastada de Forte-de-França aos primeiros signaes da eru-

oiu então fazer-lhe esquecer os seus melancolicos selvagens?

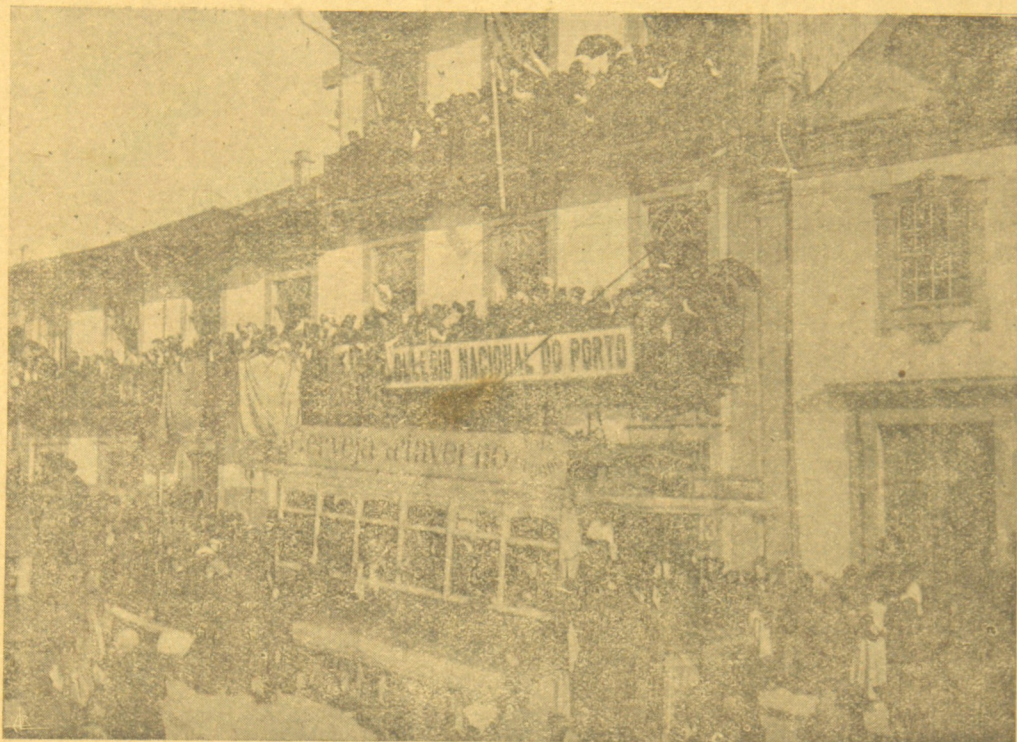
— Não, Suzanna, Sempre conservei um profundo culto pelo passado, por todo o passado!

Ella corou um pouco e com a mãosinha mostrou-lhe a cidade que renascia:

— Ninguem esqueceu. Por toda a parte casas se reconstruem, e eu trato de reerguer as minhas ruinas tambem.

— Tambem voltei para isso, murmurou Bertrand.

E foram caminhando por um atalho, em silencio.



No Porto — Aspecto que revestiam os predios em frente ao quartel general.

ção, escapára á morte. E desde então, nem Suzanna nem elle, apavorados pela recordação da terrivel accusação, ousaram cartear-se.

*
* *

Vendo chegar aquella menina, Bertrand queria expellir de si todos esses sombrios pensamentos. Não lhe estava dizendo que esquecesse, a decoraçào luminosa e perfumada que em volta d'elle se desdobrava?

Reconhecendo-o logo, Suzanna aproximou-se sem hesitar, de mãos estendidas, com um bello sorriso triste:

— A França, a grande cidade não conse-

— Recorda-se, Suzanna, reatou elle, de repente, d'aquelle velho feiticeiro de Morne-Rouge, que um dia lhe predisse o futuro?

Oh! sim, recordava-se. Por uma moeda de prata, tinha-lhe vendido o pobre homem um d'esses *quimbois* ou philtros maravilhosos que garantem a fidelidade.

— Guardei o *quimbois* do feiticeiro, disse ella.

Bertrand parou então, deante d'ella, pallido de comoção.

Beijava-os uma claridade suavissima, tamisada pelas folhas lustrosas das arvores. Bertrand tomou nas suas a mãosinha tremula de

Suzanna, e lentamente, lentamente levou-a até junto do seu coração.

* *

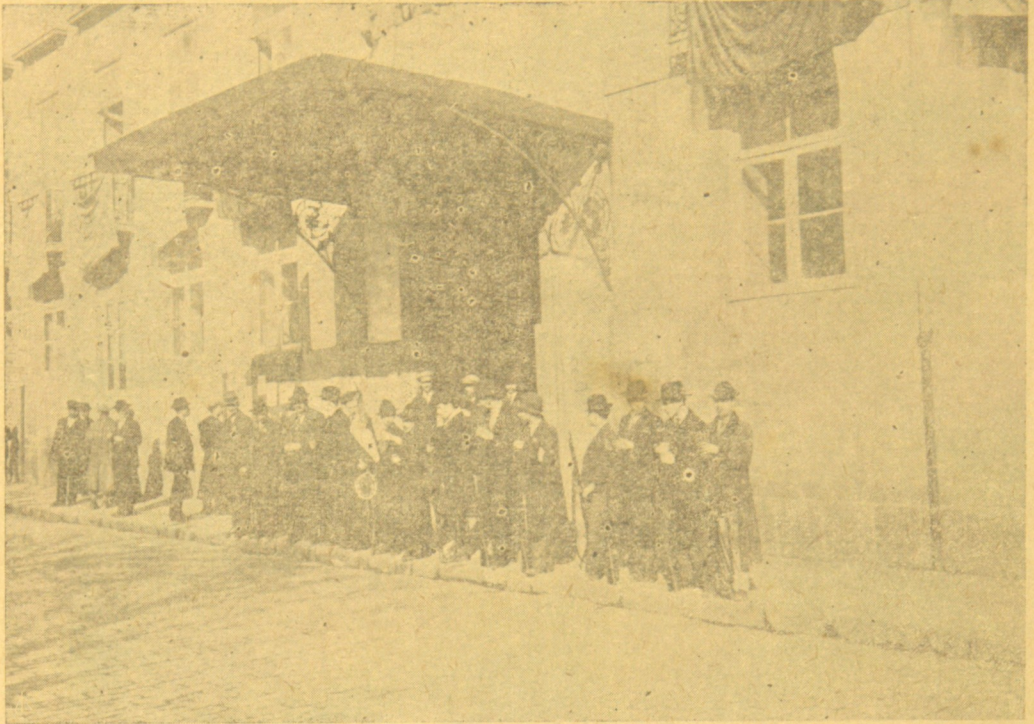
Debaixo da terra achavam-se quase intactos os fios eléctricos, as canalisações, como se a cidade incendiada quisesse mostrar que não fôra attingida no coração. Na Rua Victor Hugo os trabalhadores curvados sobre as ruínas levantavam as cabeças...

— Olha a menina Pacifico com o namorado! Passavam os dois, radiantes de juventude e de esperança, indo diariamente constatar as

que soava a ôco. Bruscamente, a parede aluiu. E na poeira avermelhada um cráneo humano appareceu, com mechas de cabello ainda adheridas... Mais uma picaretada, e os tijollos apressadamente desconjunctos rolaram pelo chão deixando apparecer um cadaver resequido e mirrado, dobrado sobre si mesmo, mal coberto por tiras de lençol....

Bertrand aproximou-se cheio de terror. No dedo crispado do cadaver viu um anel, agora fácil de tirar, sobre o qual reconheceu o braço de sua familia — o anel de seu pae!

Os accusadores não se haviam enganado.



No Porto — Grupo de civis que faziam a guarda no correio geral.

mudanças produzidas nos seus dominios. Porque entre as duas propriedades, outrora visinhas não se reconstruia agora, por ordem de ambos, o muro de separação.

Uma manhã, ao pôr a nú os alicerces da antiga casa de Suzanna, um operario estacou cheio de espanto e chamou por Bertrand.

— Ora veja o snr. como isto é curioso. Diz-se-hia que havia aqui uma espécie de esconderijo murado a tijolo.

Os outros intrigados, tinham-se aproximado. Existiria talvez algum thesouro....

O homem ás picaretadas, atacou o muro

O mulato tinha assassinado o seu inimigo e entaipára-o alli alguns dias antes da erupção vulcanica.

Então a pobre *titana* e o *béké* com os corações amarfanhados pelo inexoravel, afastaram-se lentamente, um do outro. Bertrand ainda quiz dizer-lhe algumas palavras, mas mordendo os punhos para gritar de desespero partiu como louco.

...E sempre sob a alacridade da luz, as aves cantavam e toda a natureza parecia em festa sob aquelle céu azul, que mentira ao prometter a felicidade e o olvido!

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

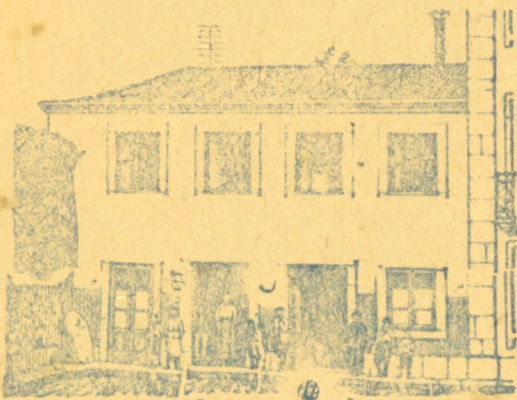
Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cañinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

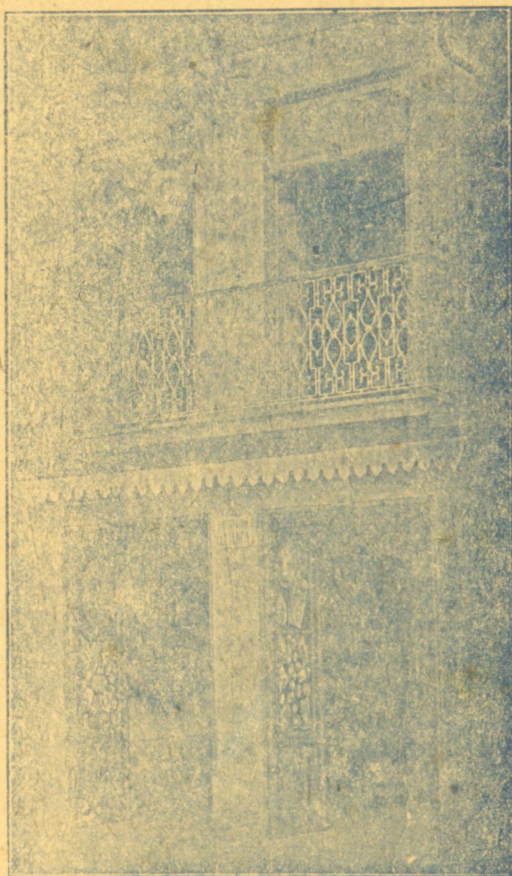
Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

*Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira
P.º José Maria dos Santos*



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA